

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2 ed. ampl. Petrópolis, Vozes, 2017. 128 pp.

Elton Corbanezi  
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá,  
Mato Grosso, Brasil.

*Sociedade do cansaço* é um livro curto – numa época de velocidade e esgotamento, trata-se de uma forma precisa de transmitir para o público leitor o aspecto tenebroso da valorização de indivíduos inquietos e hiperativos que se arrastam no cotidiano produtivo realizando múltiplas tarefas. Publicado originalmente em língua alemã, *Sociedade do cansaço* foi traduzido para o português em 2015 e ampliado na segunda edição em 2017 com dois textos anexos esclarecedores: “Sociedade do esgotamento” e “Tempo de celebração: a festa numa época sem celebração”.

No livro, o sul-coreano Byung-Chul Han, professor de filosofia e estudos culturais da Universidade de Berlim, parte de uma constatação relativamente

comum para o problema das relações entre sociedade e sofrimento psíquico: cada época tem suas enfermidades<sup>1</sup>. Dado que os sofrimentos psíquicos são compreendidos nos dias atuais sobretudo como desvios neuroquímicos, para o autor do livro em tela nossa época se configura como uma “violência neuronal”. Não obstante a expressão, sua explicação passa ao largo de aspectos fisiológicos do sistema nervoso: sofrimentos psíquicos como síndrome de *burnout*, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e depressão são apreendidos pelo autor em sua relação direta com o modo operatório do capitalismo contemporâneo.

De saída, Byung-Chul Han sustenta que as sociedades ocidentais não são mais designadas pela negatividade típica de épocas e dispositivos “imunológicos”, cujos mecanismos de defesa são a reação, o estranhamento e o isolamento do estranho como formas de proteção. Para além da negatividade das sociedades disciplinares – em que semelhantes dispositivos operam por meio de muros, passagens e barreiras e nas quais o princípio de interdição torna possível o modelo freudiano da neurose enquanto conflito intrapsíquico –, a sociedade contemporânea distingue-se pelo *excesso de positividade*. Em seu aspecto biológico e social, a violência neuronal a que se refere o autor não está mais associada à negatividade estranha (exterior) ao sistema: trata-se de uma violência imanente ao próprio sistema (p. 20). Em sua forma especificamente social, a nomeação adequada do sistema é “sociedade do desempenho”. É dessa maneira que o sul-coreano designa o modo de funcionamento da sociedade ocidental contemporânea pós-disciplinar, já apreendida por outros autores como, por exemplo, “sociedade pós-industrial” (Bell, 1999), “sociedade de controle” (Deleuze, 1992), “capitalismo cognitivo” ou “economia material” (Negri e Lazzarato, 2001; Gorz, 2005) e “biopolítica” (Foucault, 2008)<sup>2</sup>. A despeito do matiz analítico diverso de cada uma das expressões conceituais, todas indicam a constituição de uma nova subjetividade prove-

niente das transformações sócio-históricas ocorridas desde o final do último século.

*Yes, we can* – o slogan utilizado pelo presidente estadunidense Barack Obama – expressa com precisão o excesso de positividade da sociedade do desempenho (p. 24). No lugar do enunciado disciplinar coercitivo (“tu deves”), imposto de fora, entra em cena o novo enunciado (“nós podemos”), o qual, em seu aspecto imanente, remete a uma falsa liberdade ao impor aos indivíduos o imperativo da realização, da mobilidade, da velocidade e da superação constantes. O aspecto central da análise do coreano reside justamente na falsa liberdade e no processo destrutivo contido nesta transformação contemporânea. O filme *Cisne negro*, de Aronofsky (2010), pode evidenciar sua tese. Neste *thriller* psicológico, a imposição da performance e do desempenho mediante a autossuperação é *incorporada* pela protagonista e levada a suas últimas consequências. A autodestruição da bailarina – que figura aqui apenas como metáfora do desempenho profissional contemporâneo – nada mais é senão a perseguição obstinada do enunciado “tu podes”. Em que pesem os efeitos destrutivos, o filme parece ratificar a constatação de Byung-Chul Han de que “[a] positividade do poder é mais eficiente que a negatividade do dever” (p. 25). Ou seja, a autossuperação postulada em *yes, we can* é capaz de extrair toda a potência e eficácia insuspeitas ao próprio sujeito, ainda que o custo da autossuperação possa ser a autossupressão.

Com o deslocamento da *negatividade* para a *positividade*, o sujeito do desempenho – mais rápido e eficiente – substitui o sujeito da obediência. Transforma-se, assim, o paradigma do inconsciente freudiano, que não é atemporal, mas histórico. Suas condições de possibilidade são a disciplina, a interdição e a repressão modernas, cujo corolário forma o sujeito obediente, temerário e angustiado diante da possibilidade de transgressão. Ao contrário do inconsciente freudiano vinculado necessariamente à repressão e à negatividade, o sujeito neoliberal do

desempenho é dominado hoje pelo excesso de positividade. Portanto, se no modelo freudiano o sujeito da obediência se submete ao superego, o sujeito do desempenho projeta para si uma forma ideal de existência (p. 100). O excesso de positividade investido para alcançá-la conduz o indivíduo, de forma inexorável, ao esgotamento típico dos sofrimentos psíquicos da nossa época, que são, aos olhos de Han, especialmente a síndrome de *burnout* e a depressão. Sua tese é explícita: “[a] sociedade disciplinar ainda está dominada pelo *não*. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados. [...] Esses estados psíquicos [de esgotamento] são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade” (pp. 24-25 e 70, grifo do autor).

Com efeito, em uma época cujas palavras-chave são “projeto”, “motivação”, “iniciativa”, “eficiência”, “flexibilidade”, não surpreende a avaliação positiva de indivíduos ativos. Para além da rubrica psicopatológica, a hiperatividade – que é também a impossibilidade de recusa, de dizer “não” a estímulos intrusivos – apresenta-se para Byung-Chul Han como a expressão cabal da valorização do excesso de positividade. É verdade que o déficit de atenção associado à hiperatividade constitui um transtorno psiquiátrico específico de nossa época. No entanto, a justa medida da hiperatividade é valorizada sutilmente no próprio *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (DSM) da Associação Psiquiátrica Americana, documento que, como referência mundial para a prática clínica e as pesquisas epidemiológicas, é responsável por estabelecer cientificamente a distinção entre conduta normal e patológica. Na apresentação ao “Episódio hipomaníaco”, o DSM-IV-TR evidencia como o estado moderado de euforia e agitação – que não implica deficiência no funcionamento normal do indivíduo, não requer hospitalização nem apresenta características psicóticas – pode ser socialmente desejado: “[a] alteração no funcionamento

em alguns indivíduos pode assumir a forma de um aumento acentuado na eficiência, realizações ou criatividade” (APA, 2002, p. 362).

Para criticar o excesso de positividade da nossa época, Byung-Chul Han evoca Nietzsche, mostrando assim que o estado atual da sociedade nada mais é do que o desenvolvimento da modernidade ocidental decadente. Por falta de repouso, afirma o filósofo alemão em 1878, “nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto [...]” (Nietzsche *apud* p. 37). Influenciado por Nietzsche, que perpassa seu texto, Byung-Chul Han considera a hiperatividade contemporânea como uma espécie de esgotamento espiritual dos nossos dias. Contra o tédio – que constitui o ponto alto do descanso espiritual –, o indivíduo afunda-se, inquieto, na atividade. Ácida, outra passagem do autor de *Humano, demasiado humano* dá o tom da crítica do coreano aos valores considerados nobres pelo capitalismo contemporâneo: “Os ativos rolam como rola a pedra, segundo a estupidez da mecânica” (Nietzsche *apud* p. 53)<sup>3</sup>. Ora, mas por que julgar de forma tão desprezível a atividade sôfrega dos indivíduos contemporâneos?

É que o sujeito do desempenho contemporâneo experimenta uma *contradictio in adjecto*: a liberdade coercitiva. Alçado à condição de “empresário de si mesmo”, o sujeito atual não tem mais como máximas a obediência ao outro, o cumprimento da lei e do dever, mas o sentimento de “liberdade” e de “autonomia”, a partir do qual deve fazer operarem “criatividade”, “desempenho”, “inovação”, “boa vontade”, “iniciativa individual” e “flexibilidade”. Note-se que o autor patenteia a autoexploração latente na última característica supervalorizada pelo mercado e pelos indivíduos em suas condutas de vida: para as relações sociais de produção capitalista contemporânea, o sujeito de desempenho pode explorar-se a si próprio de modo ainda mais efetivo “quando se mantém aberto para tudo” (p. 96). Não obstante a ênfase dada à “flexibilidade”, juntas, todas as expressões supracitadas

constituem o mantra do paradigma produtivo atual que perpassa inteiramente a existência individual, submetendo-a a novas coações. Daí a ideia de que “o sujeito de desempenho pós-moderno não está submisso a ninguém”, salvo a ele próprio (p. 101). Lembremos uma vez mais o *Cisne negro* – o enunciado do diretor da peça de balé que é incorporado pela protagonista apresenta-se da seguinte forma: “Você não tem nenhum obstáculo a superar a não ser você mesma”. Soando liberdade, a perseguição da meta violenta psíquica e corporalmente o sujeito. É que, como mostra Byung-Chul Han de forma convincente, o sujeito narcísico e de desempenho solicitado em nossos dias não realiza a meta: concorrendo consigo próprio, é incapaz de chegar à conclusão. É ilusório, portanto, associar atividade excessiva pretensamente autônoma à conquista de liberdade.

A coação de desempenho força-o [o sujeito narcísico de desempenho] a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso da gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir. Sofre um colapso psíquico, que se chama de *burnout* (esgotamento). O sujeito de desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem (pp. 85-86).

A forma pronominal do verbo “destruir” parece nesse excerto, de fato, insuficiente: o prefixo “auto” sublinha a dimensão da destruição do sujeito de desempenho. Dessa forma, o coreano apresenta o aspecto áspero e inequívoco de sua tese. Veiculada não apenas por discursos empresariais (*management*) e mensagens da indústria cultural<sup>4</sup>, mas também por discursos institucionais de promoção da saúde e do bem-estar<sup>5</sup>, a tão propagada “autorrealização” conduz o indivíduo à autodestruição. Eis a lógica paradoxal da “liberdade” em uma sociedade pós-disciplinar que absolutiza desempenho e produção. “O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexplor-

ração. [...] Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal” (p. 30).

Na sociedade do desempenho, ação e identidade são reduzidas à esfera do trabalho e da produção. Experimenta-se o “tempo de trabalho total” – expressão que nos remete, às avessas da suposta liberdade individual sustentada pelos arautos do neoliberalismo, à noção de um “trabalho totalitário”. “A própria pausa se conserva implícita no tempo de trabalho. Ela serve apenas para nos recuperar do trabalho, para poder continuar funcionando” (p. 113) – para o trabalho, é preciso acrescentar. Ainda que não seja mobilizada pelo autor de *A sociedade do cansaço*, a noção de trabalho imaterial – formulada na passagem para o século XXI por André Gorz, Antonio Negri e Maurizio Lazarrato – evidencia de que forma o novo paradigma produtivo do capitalismo cognitivo e a procura constante do indivíduo por acúmulo de capital humano deitam por terra, de fato, a cisão entre tempo de trabalho e tempo livre. Concebe-se este como investimento naquele: é no tempo de não trabalho que se adquirem condições, matérias-primas e capital necessários para a geração da riqueza capitalista contemporânea<sup>6</sup>.

Com a sobrestimada noção de autoinvestimento, a dialética senhor-escravo desaparece como dois polos contraditórios para encarnar-se a um só tempo como unidade indissociável no próprio indivíduo. Tudo se passa como se assistíssemos a uma nova servidão voluntária. No lugar da sujeição ao outro – seja a obediência à tirania do soberano (Boétie, [1576] 2017) ou a submissão à exploração do capitalista (Marx, [1844] 2004) –, na sociedade de desempenho predomina a autoexploração. Enquanto realidade incontestável, “você s/A” configura o novo paradigma das relações sociais de produção capitalista contemporânea. Para o autor de *Sociedade do cansaço*, o atual estágio socioeconômico é, neste sentido, essencialmente pós-marxista, uma vez que a “alienação” não demanda mais o outro, que está na origem do conceito.

O sistema capitalista mudou o registro da exploração estranha para a exploração própria, a fim de acelerar o processo. [...] Hoje, vivemos numa época pós-marxista. No regime neoliberal a exploração tem lugar não mais como alienação e autodesrealização, mas como liberdade e autorrealização. Aqui não entra o outro como explorador, que me obriga a trabalhar e me explora. Ao contrário, eu próprio exploro a mim mesmo de boa vontade na fé de que possa me realizar. E me realizo na direção da morte. Otimismo a mim mesmo para a morte (pp. 105 e 116).

Embora não esteja explicitado na letra do livro, torna-se patente que o outro a que o indivíduo contemporâneo se submete sob a ilusão de liberdade é o mercado e sua lógica performática. Lemos, afinal, que, destruindo-se na vitória, o sujeito do desempenho faz funcionar uma sociedade cuja base reside na autoexploração determinada pela racionalidade neoliberal. Sem conotação propriamente marxista, o autor destaca – e nesse ponto indica o limite do estudo sociológico de Alain Ehrenberg (1998) sobre a depressão – que o imperativo do desempenho que conduz o sujeito primeiro ao esgotamento (síndrome de *burnout*) e depois à depressão provém sobretudo do excesso de positividade solicitado pelas relações sociais de produção capitalista<sup>7</sup>.

Uma vez que o aperfeiçoamento das habilidades ilimitadas para o sucesso profissional é lançado ao infinito, compreende-se, segundo Han pp. 45, 108 e 117), a elevação da saúde à condição de divindade, ou melhor, a “histeria” ou “mania de saúde”. Valendo-se ao longo do ensaio de expressões conceituais compostas por palavras cujas acepções são eminentemente paradoxais – tais como “liberdade coercitiva” e “autorrealização destruidora” –, o autor faz notar as contradições do tempo presente trazendo à tona também a perseguição patológica pela saúde. Se, por um lado, a “vitória” pode ser alcançada mediante tal condicionamento, por outro, o sujeito depressivo atual figura como o único responsável por seu fracasso. Em uma sociedade clivada que produz “perdedores”

em série, o depressivo é o sujeito que “[e]stá cansado, esgotado de si mesmo, de lutar consigo mesmo. [...] Desgasta-se correndo numa roda de *hamster* que gira cada vez mais rápida ao redor de si mesma” (p. 91). Nesse sentido, apesar da crítica de que Ehrenberg desconsidera as relações sociais de dominação neoliberal, o argumento do autor de *Sociedade do cansaço* não está tão distante quanto presume do autor de *La fatigue d'être soi: dépression et société*, conforme os próprios títulos dão a ver<sup>8</sup>. Para Ehrenberg, mais do que paixão triste, a depressão é uma patologia da capacidade insuficiente de ação e iniciativa. Sua condição de possibilidade, insiste o sociólogo francês em seu livro, provém da conquista de autonomia e de responsabilidade no mundo pós-disciplinar, as quais, transformadas em norma social, o sujeito não suporta, prostrando-se depressivo.

Como se vê, a substituição do elemento negativo pela pura positividade não é considerada por Byung-Chul Han como favorável aos indivíduos, visto que ela é, antes de tudo, autoagressividade. Para evidenciar sua concepção, o coreano diferencia duas formas de potência: a “positiva” e a “negativa”. A primeira, como traço distintivo do tempo presente, inibe a reflexão proveniente da “atenção profunda” e conduz o sujeito à hiperatividade superficial e fatal. A potência “negativa” – que o autor, ao contrário de Agamben, não identifica no escrivão Bartleby (*I would prefer no to*), de Melville – consiste justamente na resistência ao estímulo: em vez do “para-isso”, ação constante do hiperativo, enaltece-se o “não-para”. Trata-se de uma espécie de “tédio profundo” ou “cansaço fundamental”, sobre o qual Byung-Chul Han discorre a partir de *Para uma abordagem da fadiga*, do escritor austríaco Peter Handke (1990). Inspirador, semelhante cansaço indica menos o que se deve fazer do que aquilo de que se pode abrir mão. Tal cansaço “habilita o homem para uma serenidade e abandono especial, para um não fazer sereno” (p. 73). Próximo à angústia, à ira e ao luto – potências negativas fundamentais substituídas no universo existencial

contemporâneo pela irritação e pelo medo<sup>9</sup> –, o “cansaço fundamental” consiste numa forma de fazer desaparecer a economia da eficiência e da aceleração, resistindo-lhe. Com todos os paradoxos que a linguagem permite, o cansaço elogiado pelo autor constitui a potência negativa, em que seria possível gozar – sem aberração – o uso do inútil (p. 76).

Claro está que, para Han, o estado de esgotamento na sociedade atual não provém desse tipo de potência, mas do excesso de positividade (leia-se: estímulos). A leitura de *24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono* pode ratificar o sentido da experiência social analisado por Byung-Chul Han. Nesse livro, o professor de história da arte Jonathan Crary (2016) evidencia de que forma a presença constante de estímulos tende a impedir o desligamento do indivíduo, que dorme hoje em *sleep mode*. Inspirada nas máquinas, essa expressão recorrente e apenas aparentemente inócua dá a ver a ideia de que o indivíduo está em “modo de consumo reduzido”, à disposição, superando a lógica “desligado/ligado”, “de maneira que nada está de fato ‘desligado’ e nunca há um estado real de repouso” (Crary, 2016, pp. 22-23). Trazendo à tona projetos científicos, tecnológicos e laboratoriais cujo objetivo consiste em reduzir ou eliminar o sono, o norte-americano mostra que tais empreendimentos – supostamente inacreditáveis – são consonantes à cultura moderna ocidental que deprecia o sono desde a estimação positiva de conceitos e valores como produtividade, racionalidade, consciência, vontade, objetividade, ação, desempenho. Na cultura ocidental contemporânea “24/7”, na qual impera o regime de trabalho *non-stop*, o sono se apresenta como a única dimensão existencial ainda não colonizada pelo capitalismo.

A sociedade do cansaço atual nada mais é do que a absolutização unilateral da “potência positiva”. Por isso, é também uma “sociedade do *doping*”. O melhoramento cognitivo (*neuro-enhancement*) pode não representar nenhum problema moral diante da normatividade social vigente na sociedade do

desempenho. Ou seja, o uso pragmático e utilitário circunscrito à “psicofarmacologia cosmética” (Kramer, 1993) apresenta absoluta coerência em uma configuração social que inculca nos indivíduos a necessidade tanto de realização permanente – para a qual se solicita, antes, a autossuperação – quanto de bem-estar como fórmula para o sucesso social. Uma substituição ocorre, assim, no plano terapêutico. Desprovido de tempo, o sujeito do desempenho não procura mais a gênese do conflito psíquico, cuja temporalidade técnica é lenta. A medicação psiquiátrica pode atender com a urgência necessária o restabelecimento, a manutenção e o aperfeiçoamento das potencialidades do sujeito impaciente para a escavação arqueológica de cunho psicanalítico que visa a descobrir a origem do sofrimento psíquico.

Em um aforismo sugestivo, o antropólogo estadunidense Marshall Sahlins (2004, p. 23) sentencia: “[u]m povo que concebe a vida exclusivamente como busca da felicidade só pode ser cronicamente infeliz”. Do mesmo modo, ao juízo de Han, a lógica social parece inequívoca: a sociedade hiperativa do desempenho só pode produzir indivíduos estafados. Daí a epidemia de um sofrimento psíquico relacionado diretamente ao desempenho profissional, que captura todos os aspectos da vida humana. A síndrome de *burnout*, que precede a depressão, é a consequência lógica e patológica da autoexploração.

Sublinhemos, por fim, o fato de que a associação entre a depressão (e outros sofrimentos psíquicos) e as normas sociais do capitalismo contemporâneo não é inédita. Além de Ehrenberg (1998) e sua ênfase na “autonomia” como norma social que se impõe sobre os indivíduos, Maria Rita Kehl (2009) também argumenta que a epidemia atual de depressão encontra suas condições de possibilidade em uma sociedade simultaneamente antidepressiva e maníaca (leia-se: patologicamente hiperativa). Subtraindo o aspecto psicanalítico que foge ao escopo da nossa análise, a autora brasileira sustenta que a depressão recusa e questiona valores essenciais da sociedade ca-

pitalista contemporânea, entre os quais se destacam a velocidade e o gozo, isto é, a aceleração do tempo e o imperativo da felicidade, do prazer e da satisfação *prêt-à-porter*.

A despeito desta observação final, dialogando com obras de escritores e artistas diversos – entre os quais despontam não apenas os já citados (Nietzsche, Melville, Handke, Agamben), mas também Kafka, Maurice Blanchot, Cézanne, Merleau-Ponty, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Hannah Arendt, Jean Baudrillard e Roberto Esposito –, Byung-Chul Han apresenta em seu *Sociedade do cansaço* uma reflexão percuciente para o público leitor compreender melhor o modo de funcionamento da sociedade capitalista contemporânea. De forma mais específica, o livro é uma contribuição a ser considerada por sociólogos e pesquisadores que estudam a relação entre sociedade e sofrimento psíquico, na medida em que associa, de forma inequívoca, autorrealização e autodestruição em uma determinada configuração social. Com uma pergunta, o Zaratustra de Nietzsche (2011, p. 46) pode ainda nos perturbar e inquietar, provocando a reflexão: “[e] também vós, para quem a vida é furioso trabalho e desassossego: não estais muito cansados da vida?”

## Referências Bibliográficas

- ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA (APA). (2002), *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-IV-TR)*. Porto Alegre, Artmed.
- BELL, Daniel. (1999), *The coming of post-industrial society*. Nova York, Basic Books.
- BOÉTIE, Étienne de la. ([1576] 2017), *Discurso sobre a servidão voluntária*. São Paulo, Edipro.
- BRUNI, José Carlos. (2002), “O tempo da cultura em Nietzsche”. *Ciência e Cultura, Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, 2 (54): 33-35.
- CORBANEZI, Elton Rogério. (2015), *Saúde mental e depressão: a função política de concepções científicas contemporâneas*. Campinas, tese de doutorado, Insti-

- tuto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- CRARY, Jonathan. (2016), *Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo, Ubu.
- DELEUZE, Gilles. (1992), *Conversações*. São Paulo, Editora 34.
- EHRENBERG, Alain. (1998), *La fatigue d'être soi: dépression et société*. Paris, Odile Jacob.
- FOUCAULT, Michel. (2008), *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo, Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel. (2010), *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal.
- FREUD, Sigmund. (2010), "O mal-estar na civilização". In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 13-122.
- GORZ, André. (2005), *O imaterial*. São Paulo, Annablume.
- HANDKE, Peter. (1990), *Para uma abordagem da fadiga*. Tradução de Isabel de Almeida e Sousa. Lisboa, Difel.
- KEHL, Maria Rita. (2009), *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo, Boitempo.
- KRAMER, Peter. (1993), *Listening to prozac: a psychiatrist explores antidepressants drugs and the remaking of the self*. Nova York, Viking.
- LAZZARATO, Maurizio & NEGRI, Antonio. (2001), *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro, DP&A.
- LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo. (2007), *Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo: capital humano e empreendedorismo como valores sociais*. Rio de Janeiro, Azougue.
- MARX, Karl. ([1932] 2004), *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo, Boitempo.
- NIETZSCHE, Friedrich. (2004), *Aurora*. São Paulo, Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, Friedrich. (2011), *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo, Companhia das Letras.
- ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde (OMS). (1946), "Constitution of the World Health Organization". Disponível em <http://apps.who.int/gb/bd/pdf/bd47/en/constitution-en.pdf>, consultado em 10/11/2017.
- ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde (OMS). (2001), *Relatório sobre a saúde no mundo 2001: Saúde mental: nova concepção, nova esperança*. Biblioteca da OMS.
- SAHLINS, Marshall. (2004), *Esperando Foucault, ainda*. São Paulo, Cosac Naify.

### Referências Filmográficas

- ARONOFSKY, Darren. (2010), *Cisne negro*. Estados Unidos da América.
- DANIELS, Lee. (2013), *O mordomo da Casa Branca*. Estados Unidos da América.
- MCQUEEN, Steve. *Doze anos de escravidão*. Estados Unidos da América.
- TILLMAN JR., George. (2000), *Homens de honra*. Estados Unidos da América.

### Notas

1. A esse respeito, basta lembrar que para Freud (2010), por exemplo, a histeria e a neurose são patologias específicas da civilização moderna.
2. Essa relação de expressões conceituais não é exaustiva. A respeito da última, é preciso observar que o conceito de biopoder – tal como elaborado por Foucault (2010) – é contemporâneo ao poder disciplinar moderno, sucedendo-o apenas em termos analíticos. Contudo, em seu curso dedicado ao neoliberalismo alemão e norte-americano, Foucault (2008) evidencia o aspecto atual da biopolítica por meio da teoria econômica do capital humano e sua concepção de vida como objeto de investimento, o que circunscreve também as noções de "trabalho imaterial" e "capitalismo cognitivo".
3. A esse respeito, ver Bruni (2002), que se ocupa do tempo social e da cultura em Nietzsche.
4. Ver, por exemplo, produções cinematográficas recentes como *Homens de honra* (2000), *O mordomo da Casa Branca* (2013) e *Doze anos de escravidão* (2014), que veiculam, ao lado do problema da questão racial, a ideia de possibilidade de sucesso social por meio da autossuperação e da consequente autorrealização. Nesses casos, circula-se a ideia de que o homem pode, por esforço e persistência próprios, escapar às determinações históricas e sociais que o circunscrevem.
5. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001, p. 29) asse-

- gura, por exemplo, que em seu aspecto positivo – ou seja, não restrito aos transtornos mentais e comportamentais – o conceito de saúde mental envolve qualidades como bem-estar subjetivo, autoeficácia, autonomia, competência e autorrealização. Observe-se que a definição conceitual específica provém da célebre concepção de saúde da OMS (1946, p. 1), que postula, desde sua constituição, a ideia de que a saúde não é apenas ausência de enfermidade, mas completo bem-estar físico, mental e social.
6. A respeito do tempo de trabalho atual conforme as noções de trabalho imaterial e capitalismo cognitivo, ver Lazzarato e Negri (2001). Quanto à teoria econômica do capital humano, que é incorporada como valor social na conduta de vida dos indivíduos contemporâneos, transformando assim igualmente o tempo de vida em trabalho, ver Foucault (2008) e López-Ruiz (2007).
  7. Ehrenberg (1998) aborda a depressão a partir da economia psíquica do “déficit” (Pierre Janet), que, para o sociólogo, substitui o “conflito” característico do modelo freudiano das neuroses. Em vez de excesso de energia psíquica, a depressão é considerada então como patologia da insuficiência. Em que pesem os sinais invertidos nas análises de Byung-Chul Han (positividade) e Alain Ehrenberg (deficiência), parece que em ambos os casos o sujeito depressivo apresenta-se como efeito ou recusa do *tipo ideal* de indivíduo contemporâneo, capaz de empreender nele próprio graças à aquisição, à execução e à exibição das seguintes qualidades: “ação”, “motivação”, “responsabilidade”, “iniciativa individual”, “autonomia”, “flexibilidade”, “capacidade comunicacional e para enfrentar riscos”, “mobilidade”, “criatividade”, “persistência”, “eficiência” e “felicidade”.
  8. Destaque-se, contudo, que Han critica – com razão, a nosso ver – a ideia do sociólogo francês de que assistimos hoje à ascensão do indivíduo soberano de Nietzsche; para Ehrenberg (1998, pp. 129 e 236), em vez de um modo de vida selecionado e destinado a alguns “fortes”, segundo a tipologia nietzschiana, tal indivíduo sobrevém nos dias atuais democraticamente massificado e, não suportando a soberania de si, torna-se depressivo. Como observa Han (2017, pp. 94-95), ao contrário do sujeito do desempenho e da hiperatividade, o além-do-homem nietzschiano é um espírito-livre forjado como contramodelo de crítica cultural deste sujeito esgotado que dissemina uma singular ausência de espírito. As passagens citadas em nosso texto denotam a crítica implacável do filósofo autodenominado “amigo do lento” (cf. Nietzsche, 2004, p. 14) à hiperatividade moderna e contemporânea.
  9. Conforme Han (2017, pp. 54-55), enquanto a irritação e o medo se reportam a um aspecto específico da vida, a angústia e a ira podem fazer o indivíduo questionar com profundidade estados existenciais. Quanto à tendência de desaparecimento do luto na sociedade do desempenho, registremos a alteração na duração do luto considerado normal realizada na mais recente versão do manual psiquiátrico da Associação Psiquiátrica Americana. Enquanto no DSM-IV a tristeza decorrente da perda de um ente querido poderia durar até dois meses, sem configurar sintoma patológico, no DSM-5 a tolerância é reduzida para apenas duas semanas. A esse respeito, ver Corbanezi (2015, pp. 126-129).

Texto recebido em 28/11/2017 e aprovado 08/12/2017.  
DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2018.141124.

ELTON CORBANEZI é professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Mato Grosso e pesquisador do grupo de pesquisa Conhecimento, Tecnologia e Mercado (CTeMe – IFCH/Unicamp). E-mail: eltoncorbanezi@hotmail.com.

